

Um jogo interativo: a relação entre pais e filhos adultos no cotidiano familiar contemporâneo

Terezinha Féres-Carneiro
Celia Regina Henriques
Bernardo Jablonski

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a relação pais-filhos adultos coabitantes, na esfera doméstica familiar. Pesquisamos esse universo por meio de um estudo de campo, realizando entrevistas semiestruturadas com oito famílias de classe média da cidade do Rio de Janeiro. Foram entrevistadas, separadamente e depois em dupla, quatro díades mãe-filho, três díades mãe-filha e uma díade pai-filha. Dentre os temas que emergiram da análise dos dados, destacamos, para apresentar neste trabalho, o jogo interativo nas instâncias relacionais, por considerá-lo como agregador dos demais. Verificamos que, na dinâmica interativa, um jogo relacional é estabelecido. Os membros destas díades instituem os limites entre os espaços pessoais e os coletivos na relação e, ao mesmo tempo, mostram-se capazes de alternar posições, acomodando interesses do momento. Assim, estabelecem um contexto propício para um interjogo, que transforma o espaço familiar em um espaço dinâmico, que faz sentido e gera reconstruções de significados.

Palavras-chave: relação pais e filhos adultos; coabitação intergeracional; cotidiano familiar; dinâmica de convivência.

ABSTRACT

One interactive game: the relationship between parents and adult children in the contemporary family quotidian

The goal of this work is to investigate the relationship between parents and adult children cohabitants in the domestic family sphere. This universe was researched through a field study, conducting semi-structured interviews with eight middle-class families in the city of Rio de Janeiro. There were interviewed – separately and then in pairs – four mother-son dyads, three mother-daughter dyads, and one father-daughter dyad. Among the themes that emerged in data analysis, we emphasize the interactive game in the relational instances, because we consider them aggregating other themes. We noticed that in the interactive dynamics there is the establishment of a relational game. Members of these dyads institute the limits between personal and collective spaces in the relationship and, at the same time, display capability to alternate positions, accommodating instant interests. Thus, these members establish an opportune context for the intergame, which turns the family space into a dynamic space that makes sense and enables meaning reconstructions.

Keywords: relationship parents-adult children; intergenerational cohabitation; family quotidian; coexistence dynamics.

RESUMEN

Un juego interactivo: la relación entre padres e hijos adultos en el cotidiano familiar contemporáneo

El objetivo de este trabajo es investigar la relación padres/hijos adultos que cohabitan en la esfera doméstica familiar. Investigamos ese universo a través de un estudio de campo, realizando entrevistas parcialmente estructuradas con ocho familias de clase media de la ciudad de Rio de Janeiro. Han sido entrevistadas, por separado y luego en duplas, cuatro díadas madre/hijo; tres díadas madre/hija y una díada padre/hija. De los temas que han emergido del análisis de datos, destacamos en esta presentación el juego interactivo en las instancias relacionales, por considerarlo como un eje que agrega a los demás. Hemos verificado que, en la dinámica interactiva, un juego relacional es establecido. Los integrantes de estas díadas instituyen los límites entre los espacios personales y los espacios colectivos en la relación y, al mismo tiempo, se muestran capaces de alternar posiciones, acomodando a los intereses del momento. Así, se establece un entorno propicio para un inter-juego, que transforma al espacio familiar en un espacio dinámico, que hace sentido y genera reconstrucciones de significados.

Palabras clave: relación padres e hijos adultos; cohabitación intergeracional; cotidiano familiar; dinámica de convivencia.

INTRODUÇÃO

No âmbito da relação entre pais e filhos adultos coabitantes, destaca-se uma dimensão interativa que, na experiência da vida doméstica familiar, permite a identificação de um determinado interjogo relacional. Tal identificação distingue uma dinâmica interativa vivida no cotidiano familiar, caracterizada por uma alternância de posições na relação, relativas a esses membros da família. Trata-se de um movimento que expressa um campo de avanços e recuos que se apresenta em certos momentos da interação. Esse campo de ação revela um conjunto de ajustes constantes na relação, ou seja, a construção, a reconstrução ou a ruptura das regras familiares instituídas e organizadoras das vidas desses indivíduos. Nesse espaço relacional percebe-se a busca de legitimação dos interesses pessoais e coletivos, por meio de um processo denominado negociação e, paralelamente, observa-se o jogo interativo, que mobiliza diferentes aspectos de tais “eus” em interação.

Para empreendermos esse percurso reflexivo, consideramos importante destacar a noção de que na esfera interativa existe uma tentativa constante de conciliação entre as dimensões pessoais e coletivas, envolvidas nas transações. Assim, julgamos relevante para o conhecimento dessa dinâmica o destaque de alguns contextos de interações entre esses indivíduos. Isso inclui sublinhar os diferentes formatos de relacionamento e os ajustes dos interesses individuais e daqueles referentes ao universo relacional. Paralelamente, apontamos para uma dimensão interativa que, segundo nosso olhar, se constitui através de cada diálogo travado nas circunstâncias da convivência no território familiar.

Nessa medida, verificamos a importância da vida cotidiana para o entendimento dos contextos familiares e destacamos o espaço doméstico como um reduto de expressão de conversas casuais e banais, potencialmente rico para os objetivos de uma análise da esfera relacional. Essa dimensão interativa, apreendida no ambiente doméstico familiar, permite considerar a relevância dos pequenos detalhes da convivência do dia a dia. Tais manifestações da ordem do trivial e corriqueiro, além de expor os ajustes realizados na relação, necessários para o prosseguimento da vida em comum, revelam um jogo entre as instâncias interativas em questão. A partir dessas considerações, propomos o presente estudo que tem por objetivo conhecer a dinâmica interativa na vida cotidiana familiar, ressaltando os mecanismos mobilizados por esses indivíduos face aos dilemas colocados pela convivência prolongada entre pais e filhos adultos.

INTERAÇÃO E COTIDIANO FAMILIAR

Gilberto Freyre (1933/2005; 1936/2003) esclarece a importância de se investigar a vida cotidiana das famílias, atribuindo a ela o valor de matéria prima fundamental para a compreensão do domínio relacional do indivíduo e suas interseções nas relações sociais. Trazendo essa concepção para o campo das interações experimentadas entre pais e filhos adultos, pensamos que a posse da informação de quem paga uma conta, de como é negociada uma ida ao supermercado, de como são as refeições em família e as programações para o fim de semana fornecem recursos valiosos para a análise da convivência no âmbito familiar.

Do entendimento das pequenas transformações e do processo de negociação envolvido nas interações que ocorrem no dia a dia, viabilizamos a possibilidade de uma reflexão sobre os sentimentos vividos pelos membros dessas díades. Esses sentimentos se relacionam de forma íntima com a convivência no ambiente doméstico familiar. Tal conexão, entre os sentimentos e a prática relacional experimentada por pais e filhos adultos, ancora-se em um elo entre os mecanismos psicológicos e a rotina (Giddens, 1984).

Segundo o autor, este elo se institui a partir de uma formulação indicativa de que a análise das rotinas, inscritas na vida cotidiana, revela vários elementos psicológicos que ajudam a iluminar as interações. Assim, a articulação entre o que se passa em um contexto de interação e as experiências primárias vividas pelo ser humano são ressaltadas.

A vida social comum, aquela de todos os dias, põe em cena a segurança ontológica, baseada na autonomia do controle corporal e nos limites das rotinas e dos encontros previsíveis. A característica rotineira dos caminhos tomados pelos indivíduos (agentes)¹, que se deslocam no tempo reversível da vida cotidiana, não sobrevém destes: é produzida pelos modos de controle reflexivo de ação, que os indivíduos exercem em situação de co-presença (Giddens, 1984, p. 113).

No decorrer de suas atividades cotidianas, os indivíduos defrontam-se com determinados contextos de interação, nos quais estão fisicamente em copresença. Isto quer dizer que, quando esses indivíduos se encontram em um conjunto de condições de copresença, eles têm o sentimento de estarem “perto o suficiente para serem percebidos no que fazem, incluindo as suas próprias experiências do outro, como também, perto o suficiente para serem percebidos como portando o sentimento de serem percebidos” (p. 117). Ou seja, os

posicionamentos de cada um diante do outro, incluindo suas expressões faciais ou gestos – as propriedades sensoriais dos corpos transmitidas diretamente de um para o outro – variam de acordo com as circunstâncias, com o espaço e o tempo. Portanto, o modo como os indivíduos vivem cotidianamente é construído na interação, de acordo com o autor, e é inerente à continuidade da vida social. Dessa forma, podemos compreender as subjetividades e suas nuances na rotina de todos os dias.

Giddens (1984), ao articular o que se passa em um contexto de interação com as experiências primárias vividas pelo ser humano, recorre a Erik H. Erikson. O primeiro sublinha a relevância do conceito ericksoniano de etapas de desenvolvimento da personalidade (Erikson, 1968), para a constituição do elo proposto e destaca a relação mãe-bebê. A respeito dessa relação, Giddens ressalta que, já em seus primeiros cuidados com o seu bebê, a mãe o inscreve em um mundo social, caracterizado por normas que o acompanharão nas relações sociais ulteriores. Assim, a angústia da ausência da mãe, neutralizada pelas gratificações da copresença, prepara o terreno para os futuros engajamentos e desengajamentos das interações.

Esse elo – entre a psicodinâmica e os mecanismos sociais da interação – põe em evidência o inconsciente como uma entidade presente nas interações e nos conjuntos de condições de copresença: “os componentes da motivação da personalidade infantil e adulta derivam de uma tendência geral a evitar a angústia e a preservar a autoestima contra os transbordamentos da vergonha e da culpabilidade” (p.106). Esses sentimentos, sujeitos à trama do registro inconsciente, subjazem, em termos de desenvolvimento, à aquisição da competência lingüística – competência esta, necessária à “consciência discursiva” (p. 34), que pressupõe que o indivíduo possa comunicar de forma coerente suas atividades, assim como, definir suas razões.

Assim, percebemos a ligação entre a psicodinâmica e os caracteres rotineiros da vida social. Nessa perspectiva, a rotinização, contida na vida cotidiana, é um aspecto importante para o desenvolvimento dos mecanismos psicológicos e assegura a manutenção dos sentimentos de confiança e a segurança ontológica. A rotina é capaz de conter as fontes de tensões inconscientes que podem estar presentes na quase totalidade dos momentos de vigília.

Paralelamente, observamos a relevância das pequenas atitudes e das minimanifestações, expressas no jogo interacional e vividas no cotidiano da família. Dessa maneira, o processo de interação se faz a partir de pequenas “moléculas”, de pequenos gestos e palavras pronunciados na relação. E, nesse

processo, a construção de acordos ou as negociações apontam uma rede capilar de conexões articuladas ao convívio.

NEGOCIAÇÕES E O CONTEXTO INTERATIVO

No dicionário Houaiss (2009), o termo negociação tem as seguintes definições: transação, entendimento sobre tema polêmico ou controverso, conversação diplomática entre duas ou mais nações, visando a tratado ou convenção. Verificando que essas designações conferem um espaço mais amplo ao termo, sugerimos abordá-lo em sua relação com o contexto em que se inscreve e nas condições em que ocorre. Sendo assim, o termo negociação no campo familiar pode ser circunscrito a partir de um universo de interações, constituído por uma rede de regras de convivência, que podem ser flexíveis e abertas à mudança, ou não, em razão das necessidades pessoais ou coletivas dos membros da família. Assim, negociar significa estabelecer transações, no intuito de romper ou reeditar algumas regras familiares que possam estar em desacordo com um dos membros da família ou com o grupo familiar como um todo. Portanto, o lugar da negociação é a própria relação; esta é o terreno no qual ocorrem as transações, que têm como objetivo ganhar espaço na esfera interacional.

Consideramos oportuno incluir as ideias de Strauss (1992) sobre a negociação, vista na perspectiva das ciências sociais e considerada como um processo. Esse autor se propõe a formular uma teoria da negociação que se baseia, sobretudo, na distinção entre o contexto da negociação e o contexto estrutural a ela associado, entendendo este último como um conjunto de propriedades do sistema, no qual se estabelece a negociação. O contexto estrutural é mais amplo e mais abrangente que o contexto da negociação e se relaciona, com esse último, de forma recíproca. Assim, a mudança de um repercute no outro e o altera. O resultado da negociação pode afetar o contexto em questão e contribuir para a mudança, assim como para as futuras negociações.

Dessa forma, Strauss (1992), ao se referir às negociações específicas, diz que elas estão subordinadas a condições como: quem negocia com quem, quando e a propósito de quê. Assim, a negociação obedece a um esquema e não se dá ao acaso. A negociação é concebida como uma relação complexa entre um processo cotidiano de negociação e um processo periódico de avaliação; este último estabelece os limites da negociação e alguns de seus direcionamentos. Os resultados da negociação, de acordos, regras e contratos, por exemplo, têm limites

temporais, ou seja, deverão ser revistos, reavaliados e renovados.

Entendemos que entre as dimensões do acordo e da negociação existe uma importante diferença. Pode-se ter um acordo sem que haja negociação, como também pode-se chegar a um acordo deixando espaço para a negociação, caso o acordo se rompa. A negociação acontece quando existe certa tensão entre as partes envolvidas; na falta desta tensão, não se negociará.

Nessa medida, o conhecimento do contexto da negociação permite a revelação de uma análise microscópica das interações ocorridas em seu processo. Assim, a opção por dar relevância à negociação em si mesma se deve ao peso que ela exerce na dinâmica familiar. O território da negociação familiar é a esfera relacional, a dinâmica interativa da família. Nas famílias cujos filhos são adultos, é esperado que a negociação faça parte do contexto familiar, de forma que as necessidades de cada membro da família possam ser constantemente revistas, facilitando o percurso para o consenso. Para que isso possa ocorrer, é necessário que a família disponha de uma capacidade suficiente de flexibilidade, no que concerne ao universo de suas regras de convivência.

Entretanto, é importante considerar que os termos das negociações nem sempre ocorrem em um contexto de diálogo explícito, no qual os membros apresentam suas posições de forma clara e com um objetivo delimitado. Uma família pode chegar a um consenso sobre uma determinada questão sem que haja um percurso claro de negociação (Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro, 2004; Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães, 2006). Nesse caso, consideramos que a negociação ocorre de uma forma não explícita e que o estabelecimento de um acordo é possível, em razão dos comportamentos dos membros da família, ou seja, quando estes mobilizam ações que colocam uma regra à prova e seguem Tateando formas de aproximação de tal objetivo, sem que palavras sejam ditas.

Assim, a negociação passa também pela comunicação não-verbal. Esta comunicação permite muitas vezes dizer o que não pode ser dito. A pragmática das relações interpessoais familiares comporta não só as palavras, suas configurações e significados, mas também seus concomitantes não-verbais e a linguagem corporal (Kaufmann, 2007). A palavra explícita pode ser crítica, expondo as evidências e as confrontações. Portanto, algumas vezes, podem ser escolhidas formas mais amenas e implícitas de lidar com as insatisfações, tais como as comunicações sem palavras, as quais permitem resguardar os espaços pessoais. As omissões e o silêncio no contexto interacional familiar podem constituir uma estratégia de evitação de conflitos, com

o propósito de preservar a relação entre os membros da família.

O aspecto de “prestação de contas” de uma interação, caracterizada pela expressão verbal explícita, pode se apresentar como fonte de dificuldades e derivar em um caminho cujos efeitos podem ser fatigantes e custosos. Dessa forma, é comum que os integrantes das famílias escolham os percursos mais silenciosos nas suas transações, muitas vezes omitindo ou até mesmo mentindo, para evitar os conflitos abertos. No que tange ao universo dos filhos adultos, concordamos com Ramos (2006), quando diz que a estratégia da omissão, do silêncio e da mentira visa regular a autonomia destes e o resguardo de seus espaços pessoais na relação com os pais. Acrescentamos que a mesma tática pode ser utilizada pelos pais que, por meias palavras, mímicas corporais e outras formas de comunicação, podem expressar seus sentimentos e inquietações.

As negociações no terreno familiar podem ser instigadas por um conflito explícito. Os membros podem expressar claramente seus desapontamentos diante de regras rompidas, espaços invadidos, criticar e reivindicar transformações que apontem para acordos ou compromissos também explícitos. Essa seria a forma mais adequada de negociação em um contexto familiar suficientemente igualitário. À medida que os filhos crescem e vão ganhando autonomia, mais o relacionamento vai se aproximando do que Giddens (2002) defende como relação pura. É importante assinalar, no entanto, que a incorporação dessa dimensão igualitária no campo interpessoal provoca, no espaço familiar, uma subversão nas funções parentais então instituídas. Para Zanetti e Gomes (2009), a fragilização dos papéis parentais ressalta uma relação complementar com a ideia de um filho que não se pode frustrar.

MÉTODO

Participantes

Para atingir nossos objetivos, estabelecemos como participantes da pesquisa pais e filhos adultos coabitantes, membros de famílias dos estratos sociais médio e médio alto, residentes no Rio de Janeiro. Como critério de características individuais dos participantes, optamos por definir *a priori* somente o perfil dos filhos adultos. Eles deveriam ser solteiros, graduados em nível universitário, estarem trabalhando e terem idade superior a 26 anos. Foram participantes da pesquisa: 4 díades mãe-filho, 3 díades mãe-filha e 1 díade pai-filha.

Nossos entrevistados compõem uma amostra não-probabilística de conveniência, o que faz com que os dados colhidos não possam ser generalizados para a

TABELA 1
Apresentação das famílias entrevistadas*

<i>Famílias</i>	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>	<i>Filho(a)</i>
A		Alice 55 anos, divorciada, administradora, dona de casa	Amanda 29 anos, jornalista
B		Berenice 59 anos, divorciada, economista	Breno 30 anos, advogado, funcionário público
C	Carlos 58 anos, economista	Cláudia 59 anos, psicóloga, dona de casa	Caio 29 anos, médico
D	Denis 54 anos, engenheiro	Doris 51 anos, analista de sistemas	Diana 26 anos, engenheira
E	Elton 60 anos, administrador	Eva 60 anos, professora aposentada	Elisa 32 anos, psicóloga
F	Frederico 58 anos, engenheiro	Flávia 56 anos, professora, dona de casa	Filipe 30 anos, comunicação, produção cultural
G	Gilberto 59 anos, engenheiro	Gilda 61 anos, engenheira	Gabriela 31 anos, publicitária, professora de inglês
H		Helena 59 anos, divorciada, médica, aposentada	Henrique 30 anos, Advogado, funcionário público

* Os nomes fictícios em negrito referem-se aos membros das famílias que foram entrevistados.

totalidade da população. Assim, em virtude do tamanho e da natureza da amostra a pesquisa pretende ser exploratória, e os dados colhidos serão representativos de um pequeno segmento de nosso objeto de estudo. As famílias foram selecionadas a partir do perfil dos filhos e através de indicações geradas pelos próprios entrevistados (*snowball sampling*).

Procedimentos

Como instrumento de pesquisa, adotamos o conceito de entrevista semiestruturada, elaborada de acordo com as proposições de Kauffmann (2007) e Ramos (2006), isto é, com a participação ativa do pesquisador, de forma livre e descontraída, de modo a permitir que a empatia abra as portas do mundo dos entrevistados.

Quanto ao plano de entrevista, seguimos as orientações de Blanchet e Gotman (2007), que afirmam ser o mesmo, a interface do trabalho de conceitualização da pesquisa com o campo. Dessa forma, para elaborar um roteiro adequado aos objetivos da pesquisa, executamos as entrevistas exploratórias. A questão de partida colocada aos entrevistados tornou mais precisos os operadores e os indicadores para a elaboração do roteiro final. Esse tipo de entrevista visou a desempenhar um primeiro confronto de sentidos entre o entrevistador e os entrevistados, proporcionando uma familiarização com seu vocabulário e seus códigos verbais.

Assim, realizamos seis entrevistas-piloto, com duas famílias, escolhidas de acordo com os objetivos da pesquisa, ou seja, pais e filhos adultos coabitantes. Em um primeiro momento foi entrevistada, separadamente, a mãe e, em seguida, o filho. Em uma segunda etapa, foi construído um novo roteiro de entrevistas, baseado nos temas repetitivos e ou contraditórios das duas

anteriores e utilizado em entrevista conjunta com a mãe e o filho.

O objetivo da realização dessa segunda etapa foi o de introduzir os temas através dos indicadores e estimular a fala interativa entre mãe e filho. Esses temas foram obtidos através da análise da cada um dos discursos dos entrevistados, assim como foram comparados entre si, em um procedimento intertextual (Blanchet e Gotman, 2007). Com a posse desses temas de análise, construímos um novo roteiro e, em consequência, cada uma das famílias entrevistadas se deparou com um roteiro diferenciado e original, calcado em sua própria narrativa.

Dessa forma, utilizando o procedimento de uma entrevista interativa, acreditamos poder melhor compreender essas narrativas, observando as singularidades, as possíveis afirmações ou contradições que poderão se repetir em outros contextos familiares e, sobretudo, abordar e estimular os sentimentos advindos das repercussões da fala de um ao outro. Essa justaposição de falas, possível em função da situação interativa, possibilita a abertura de um caminho reflexivo mais coerente com o nosso objetivo de investigar a relação entre pais e filhos adultos coabitantes, uma interação que é vivida no ambiente doméstico familiar.

A execução das entrevistas-piloto apontou a eficácia de alguns indicadores e a insuficiência de outros. Nesse ponto, entendemos que a singularidade de cada família possa determinar que um mesmo indicador seja útil para uma e impróprio para outra. Isso não impede que todos os indicadores possam ser mencionados, o seu aprofundamento e rastreamento é que vai depender da repercussão obtida e da habilidade do entrevistador (Kaufmann, 2007).

Constatamos ainda que diante de uma pergunta mais aberta ou mais abstrata, a tendência é a de obtermos uma resposta mais concisa e generalista. Ao passo que, quando um indicador concreto é colocado, as respostas tendem a ser mais objetivas, detalhadas, suscetíveis ao aprofundamento desejado e a liberarem expressões de sentimentos concomitantes.

Observamos, também, que as entrevistas com as mães, sempre as primeiras, foram menos ricas em material e aprofundamento dos indicadores que a dos filhos, que as sucediam. Entendemos que na entrevista com os jovens adultos já dispúnhamos de alguma familiaridade com os códigos da família, como também já conhecíamos a potencialidade de alguns temas a serem explorados. Após algumas reflexões sobre a ordem das entrevistas, concluímos que a segunda, sempre, portaria uma possibilidade de aprofundamento maior em relação à anterior. A troca na sequência não significaria uma mudança dessa realidade e, no entanto, inferimos que a alternância dessas etapas poderia melhor calibrar a nossa atuação como entrevistador.

A partir dessa experiência exploratória, os indicadores da pesquisa foram definidos da seguinte forma: 1) A lista de compras; 2) Refeições durante a semana; 3) Refeições no fim de semana; 4) O pagamento das contas da casa; 5) Presença dos namorados/as na casa; 6) O quarto do filho(a) e a sala da casa. Estes são os elementos concretos que, como sustenta a orientação compreensiva (Blanchet e Gotman, 2007; Kaufmann, 2007), possibilitam a compreensão de como o indivíduo dá sentido às suas ações, às suas relações e a forma como vive essas relações. Acrescentamos, a esse rol de possibilidades, a manifestação de sentimentos vividos na interação, que se integram, se amalgamam, a essas ações cotidianas. Dessa forma, será possível expor as diversas versões para um mesmo fato ou atitude, algumas delas contraditórias entre si e, entretanto, todas dotadas de verdades parciais (Kaufmann, 2007).

A pesquisa abarcou um universo de oito famílias, em entrevistas gravadas com a permissão dos entrevistados, perfazendo um total de 24 entrevistas e cerca de 32 horas de gravação. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais, previamente escolhidos pelos entrevistados, que variaram desde a residência das famílias, ou a seus espaços de trabalho, até locais como restaurantes e cafés – estes últimos, selecionados pelos nossos entrevistados em razão de suas rotinas de trabalho. Os depoimentos foram colhidos em três momentos diferenciados para cada uma das famílias. Foi realizado um encontro com um representante do casal parental, ou seja, entrevistamos ou o pai ou a mãe; depois ouvimos o filho ou a filha e, finalmente,

ocorreu a entrevista interativa com o pai ou a mãe e o filho ou a filha.

Todo o material em áudio dos entrevistados foi transcrito na íntegra pela entrevistadora e submetido a uma escuta atenta. A análise dos dados das entrevistas dividiu-se em dois momentos. No primeiro, foram analisados os textos provenientes das entrevistas individuais, identificados os fragmentos de discursos portadores de significado e, em sequência, foram constituídos os temas iniciais. Após esse procedimento, foi construído o roteiro da entrevista interativa.

O segundo momento da análise de dados diz respeito ao exame do texto interativo, no qual foram demarcados os fragmentos de discursos significativos que deram origem aos temas de análise. Em seguida, procedemos ao cruzamento desses temas entre todos os textos interativos e, a partir dessa ação, chegamos aos temas principais de análise, que se desdobraram em subtemas. Esse conjunto de temas passou pelo processo progressivo de vai-e-vem entre si, reformulando-se e norteando-nos na busca da consecução do objeto de investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos discursos dos entrevistados emergiram os seguintes temas para análise e discussão: ajustes cotidianos na convivência, duas lógicas em ação, o sentido de ser família e o jogo interativo. No âmbito desse trabalho, iremos privilegiar o último tema por considerá-lo como agregador dos demais.

A partir da análise das entrevistas, percebemos que pais e filhos adultos seguem Tateando em busca de uma boa distância na relação, o que pode ser percebido através dos pequenos detalhes da convivência no dia-a-dia. Esses indivíduos buscam se habilitar, através de uma escolha circunstancial, na arte de colocar à distância diferentes dimensões de pertencimento na relação. Em outras palavras, eles escolhem o que desejam ter mais perto ou mais afastado de si, conforme o grau de constrangimento da dimensão em questão. Singly (2005) esclarece esse poder de escolha por meio do exemplo de uma mochila que, metaforicamente, pode conter diversas dimensões identitárias, construídas ao longo da vida. A vida se constituiria, segundo ele, em um jogo de colocar e tirar dimensões da mesma, de acordo com as prioridades do momento. Assim, o conteúdo da mochila não é o que importa e sim o poder de escolher o que entra e o que sai. Para Lazartigues (2007) essa liberdade de escolha se deve a movimentos ideológicos, que recolocam as relações em contextos mais igualitários, o que diversifica as formas de viver na esfera privada.

Entretanto, no domínio familiar em questão, devemos estar atentos para o fato de o indivíduo poder se autorizar a sonhar com uma vida que congregue, ao mesmo tempo, estar só e estar junto, e que tal situação pode configurar-se como extremamente ambígua. Por outro lado, percebemos que estas duas opções podem funcionar em um jogo de vai-e-vem, no qual esses indivíduos definem, escolhem ou hierarquizam o que lhes é mais conveniente. Se for mais apropriado ser filho de ou pais de, em um momento, em outro, pode ser mais eficaz ser companheiro de ou parceiro de. Essa dinâmica representa a possibilidade de reinvenção das relações entre esses pais e filhos, forjada em passos mais voltados à simetria e conquistada nas microexperiências da vida cotidiana. As negociações que irão alargar os espaços pessoais dos filhos – e, da mesma forma, viabilizar um gradual desinvestimento das funções parentais – é que transformam o ambiente relacional.

Na esfera dessas interações, diferentes dimensões podem ser hierarquizadas, priorizadas, de acordo com as necessidades do momento. Pode-se ir e vir, mais próximo ou mais distante, sem que tal movimento possa, necessariamente, trazer mal-estar. Trata-se de experimentar na prática, avaliar o que funciona e o que não funciona naquele momento na relação.

Caio (médico, 29 anos) tenta escapar do controle da mãe, que quer saber aonde ele vai e a que horas vai voltar, saindo sem avisá-la. Assim, possibilita que apareça uma mãe poderosa para cobrar dele essa “falta de consideração”. Por outro lado, essa mãe controladora e poderosa muda de posição quando Caio, incomodado com a intrusão da mesma em seu quarto, devolve as almofadas que ela colocou em sua cama, dizendo: “Não quero almofadas, põe na sua cama.” Cláudia (dona de casa, 59 anos) aceita as almofadas de volta e tenta repassá-las para o outro filho, que mora sozinho.

Caio, também, muda de posicionamento quando a mãe aventura-se a aconselhá-lo sobre o seu trabalho: essa “invasão” de seu espaço pessoal o impele a enquadrá-la em seu posto de mãe de filho adulto.

“Ela não gosta do meu emprego, mas ela não pode dizer nada, não é o fato de ela não gostar que vai fazer eu mudar alguma coisa.” (Caio)

“Está certo, mas é só preocupação, interesse, nada mais que isso.” (Cláudia)

Entre Helena (médica aposentada, 59 anos) e Henrique (advogado, 30 anos) ocorre um intenso movimento de mudanças de posições, que se alternam

em função das provocações do último. Helena é favorável a um ambiente familiar aberto, igualitário e evita a tomada de decisões unilaterais, defendendo a participação. Henrique, todavia, provoca o surgimento de uma mãe tradicional e disciplinadora.

“Eu quero que ela me lembre as coisas que eu devo fazer, estou desconcentrado nos estudos, preciso do reforço dela.” (Henrique)

“Ele que tem que saber isso, é a vida dele...” (Helena)

Observamos nesse diálogo que Henrique não se conforma com essa posição da mãe e apela para uma situação de atrito doméstico (por exemplo, as roupas mal passadas pela empregada) para instigá-la a exercer o seu papel tradicional. Dessa maneira, consegue que a mãe se aborreça com ele, embora a mesma se refira em outro momento da entrevista, à evitação de situações que possam deflagrar o conflito.

Nas famílias entrevistadas, encontramos uma forte tendência à evitação de situações sujeitas ao conflito e, todavia, apesar disso, o conflito insinua-se.

“Batemos boca, às vezes, por causa de bobagens dele.” (Helena)

“É, às vezes dou uma de reizinho, de mimadinho, mas ela fala, manda, então, lavar a roupa fora.” (Henrique)

Assim, Helena o recoloca no lugar de filho adulto e ele reconhece a situação. Notamos que o vai-e-vem das posturas dos dois se configura como um verdadeiro ensaio geral das distâncias apropriadas na relação. À medida que contam a situação, ao longo das entrevistas, percebem os contornos do relato e se vêem às voltas com possíveis interpretações para a narrativa: “viro filhinho” e “não quero mais isso para mim”, dizem, respectivamente, Henrique e Helena.

O conflito pode ser o desencadeador de uma negociação, como também, da alternância de posições na relação. Simmel (1912/2002) defende a ideia de conflito como uma forma de unificação e aponta para a reciprocidade entre os opostos. Desse modo, amor e ódio, harmonia e dissonância, associação e competição, simpatia e antipatia não são simplesmente antípodas, são categorias interativas e, portanto, importantes e positivas para o indivíduo.

Diante de uma situação conflitante, Elisa (psicóloga, 31 anos) se transforma em mãe de sua mãe Eva (professora aposentada, 60 anos).

“Quando ela fica irritada, eu me irrito também, ela fala muito, eu uso argumentos para que ela pare de falar...” (Elisa)

“Ela até parece intolerante e ríspida, mas é do momento, eu cedo.” (Eva)

“Ela percebe que nesse momento estou certa, eu peço o apoio do meu pai... ah, com um ‘Né pai?’ Ele não entra na coisa, mas sinto que concorda.” (Elisa)

Elisa tenta enquadrar a mãe e utiliza o pai como o vértice de um triângulo, contando com o seu apoio, não declarado verbalmente. Eva se cala diante da filha. Observamos que essa atitude tem a ver com o reconhecimento da competência de Elisa na relação. Essa competência, legitimada na convivência, transforma o olhar da mãe sobre a filha e dessa forma Eva permite que Elisa inverta a lógica tradicional da relação. Quando o ambiente é familiar é democrático, as regras de convivência se flexibilizam (Féres-Carneiro, 2005). Vejamos outra situação em que ocorre uma alternância de dimensões pessoais, iniciada pelo conflito e transformada pelo reconhecimento da competência.

“Brigamos quando eu já sei o que ela está falando, me irrita, ela fica repetindo uma coisa que eu falei primeiro que ela, que eu coloquei antes, que eu questionei antes dela.” (Henrique)

“Ele tem razão, mas aí, eu paro.” (Helena)

Esses relatos expõem fronteiras suficientemente nítidas entre os membros, para proporcionarem a proteção necessária de cada espaço pessoal na relação. Por isso, esses indivíduos são capazes de alternarem suas posições, de acordo com as necessidades do momento, sem a ameaça de perda de autonomia.

Entretanto, percebemos também, que algumas das díades que constituíram nosso grupo de participantes apresentam rigidez entre suas fronteiras, o que significa um entrave para a experiência do jogo na relação, na forma como foi descrito acima. Nos relatos de Alice (dona de casa, 55 anos) e Amanda (jornalista, 28 anos) podemos observar tal situação quando se referem à escrivãzinha antiga de Alice – que pode ser entendida como metáfora do poder da mãe –, que após “passar” por vários espaços da casa, se enraizou no quarto de Amanda, apesar de seus protestos.

“Se eu quisesse dar um jeito na minha bagunça, arrumar melhor, eu até poderia sugerir de tirar ela

de lá, encontrar outro lugar para ela.” (Amanda)
“O quarto dela é grande.” (Alice)

“Ela gosta de coisa entulhada, eu não, eu gosto de espaço, mas isso foi ficando esquecido no dia-a-dia, vai ficando.” (Amanda)

Amanda precisa fazer um “esforço” para se distanciar da mãe e assegurar sua autonomia. Por outro lado, Alice não demonstra facilitar esse empreendimento da filha e parece não identificar as competências da mesma. Assim, a incapacidade em abrandar o grau de proximidade torna-se real e dificulta o distanciamento suficiente e necessário para um nível maior de autonomia e a possibilidade de validação de habilidades na relação. A possibilidade de ocorrência do jogo relacional nessas circunstâncias é restrita.

Por outro lado, se diante dos diálogos entre Berenice (economista, 58 anos) e Breno (advogado, 30 anos), e Doris (analista de sistemas, 51 anos) e Diana (engenheira, 26 anos) observamos uma comunicação baseada em padrões de interação rígidos e um sentido frouxo de pertencimento, também percebemos pistas retiradas de seus discursos, que demonstram as lutas, os ajustes e as estratégias, em prol da diminuição do distanciamento e do aumento do pertencimento e, assim, a possibilidade de jogar na relação.

Na primeira dupla, tanto Berenice quanto Breno utilizam um mesmo cartão de crédito, sendo que Berenice é a titular e Breno, seu dependente. As faturas para o pagamento vêm discriminadas individualmente, porém são dirigidas à Berenice. Esta, quando chega a fatura, destaca a parte de Breno e a coloca no quarto do mesmo. No dia do pagamento, Berenice lembra o filho de deixar um cheque e ela o deposita em sua conta bancária. No dia seguinte, Breno pergunta à mãe se ela depositou e se tudo correu bem. Com isso, percebemos a seqüência de movimentos que os aproxima, incrementando-lhes a comunicação por meio do uso do cartão.

“Eu não preciso desse cartão dela, tenho outros, mas é como um terceiro braço, se ela precisa de alguma coisa, me pede, eu compro e a gente acerta depois, o mesmo ela faz por mim, quando é aniversário dos meus sobrinhos, ou qualquer outra coisa, peço a ela para comprar o presente e pago depois.” (Breno)

“É, acho isso bom, eu telefono ou ele me telefona da rua, combinamos, depois acertamos.” (Berenice)

Na díade Dóris e Diana, identificamos, na intensa discussão sobre o lugar onde ficará o ponto da Net na

residência, uma forma de manter os membros ligados e se comunicando.

“O ponto da Net na casa tem que ser discutido, não pode ficar no quarto dela, acho que deva ficar na sala e beneficiar a todos.” (Doris)

“Essa discussão não existe, porque não põe dois pontos?” (Diana)

“Nós quase nunca assistimos televisão...” (Doris)

O consenso sobre o local do ponto da Net, embora possa explicitar o sentido de um controle parental, também revela a estratégia de manter a comunicação entre os membros na ordem do dia. Essas tentativas de conversas e possíveis combinações, em torno do assunto, vêm se arrastando há alguns meses, de acordo com Doris. Enquanto não resolvem tal situação, asseguram minimamente a comunicação entre elas.

Dessa forma, esses indivíduos mobilizam os recursos de que dispõem para estabelecer um contexto relacional, no qual o jogo aparece de uma forma enviesada. De todo o modo, essas referências apontam a dificuldade em alternar posições e a vivência dos jogos relacionais de ir e vir, que permitiriam a descoberta de novas possibilidades na relação.

Ainda mais um exemplo do campo de possibilidades do jogar na relação pode ser explicitado através do diálogo entre Gabriela (publicitária, 31 anos) e Gil (engenheiro, 59 anos). Identificamos a experiência plena da dimensão do companheirismo e da cumplicidade na relação: a lista de compras é feita em conjunto, igualmente os almoços de fins de semana são discutidos, assim como as saídas para degustação de vinhos, que mobilizam os três.

Todavia, destacamos o seguinte diálogo:

“Às vezes não sei o que dá nele, por exemplo, outro dia, eu estava na sala vendo televisão e coloquei os pés na mesa de centro, ele teve um ataque.” (Gabriela)

“É um deslize, eu sei que não tem nada demais isso...” (Gil)

“Eu fiquei danada, briguei que nem adolescente e fui para o quarto.” (Gabriela)

Observamos que pais e filhos transitam de uma dimensão à outra, permitindo-se o interjogo. Os deslizes e as recuperações são possíveis, em virtude de ocorrerem em uma circunstância dinâmica que

suporta essas situações. Tal condição é alcançada por meio de negociações e manifesta-se em um contexto de confiança e favorável à espontaneidade. Portanto, o ir-e-vir entre as posições relacionais é garantido por um ambiente de apoio e cumplicidade.

A alternância no campo das dimensões relacionais – em função da escolha do que seria mais adequado para o momento ou nos termos de Singly (2005), a hierarquização identitária – desdobra-se em uma mobilidade contínua. Trata-se de uma sucessão de avanços e recuos, que se constituem como estratégias de convivência. Dentre as oito duplas entrevistadas, cinco, em suas dinâmicas interativas, evoluem no sentido de alternar as dimensões relacionais. As demais não apresentam essa possibilidade de alternância, dentro dos limites observáveis nessa pesquisa, em virtude da rigidez das fronteiras que demarcam seus espaços individuais. Mesmo assim, esses indivíduos são capazes de mobilizar recursos na interação. E isso, além de fornecer um sentido ao que se passa na esfera relacional, é, também, uma forma de jogar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que o processo de negociação vivido na esfera doméstica e na relação entre pais e filhos adultos se configura como uma tentativa de reequilibrar os equilíbrios instáveis da relação. Busca-se o acordo, que é uma forma de estabelecer uma distância suficiente entre esses indivíduos, com o objetivo de evitar uma ameaça ao campo relacional. Verificamos a importância da observação da vida cotidiana para melhor compreendermos a conexão entre a psicodinâmica e os caracteres casuais e banais, incluídos nas conversas na rotina doméstica familiar. Ao lado disso, sublinhamos a ideia de Giddens (1984) a respeito do elo entre as interações e as experiências primárias do indivíduo. Dessa forma, entendemos que a experiência da rotina é um processo necessário para o desenvolvimento dos mecanismos psicológicos e a garantia da manutenção dos sentimentos de confiança e da segurança ontológica.

Ao longo de todo esse processo, descrito nesse estudo, pais e filhos avançam e recuam em suas investidas no plano relacional. Trata-se de uma sucessão de idas e vindas, que se constituem como estratégias de convivência, configurando o jogo interativo. O objetivo não parece ser o de lutar entre si, de ganhar ou de superar um ao outro, e sim de permanecer juntos e tentar encontrar um sentido na relação. O jogo é algo frequentemente presente em cada momento interativo e se pudesse ser representado, poderia assumir a forma de um desenho sempre mutante dos acontecimentos em questão.

REFERÊNCIAS

- Blanchet, A.; Gotman, A. (2007). *L'Enquête et ses méthodes, l'entretien*, (1ª ed.). Paris: Armand Colin.
- Erikson, E.H. (1987). *Identidade, juventude, crise*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A.S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e Casal, efeitos da contemporaneidade*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Freyre, G. (1933-2005). *Casa Grande & Senzala*, (50ª). São Paulo: Global, 2005.
- Freyre, G. (1936-2003). *Sobrados e Mucambos*, (14ª ed.). São Paulo: Global, 2003.
- Giddens, A. (1984). *La Constitution de la Société*, (1ª ed.). Paris: PUF.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Henriques, C.R., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2004). A “geração canguru”: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, 35(2), 109-226.
- Henriques, C.R., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A.S. (2006). Trabalho e Família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paideia*, 16(35), 327-336.
- Houaiss, A. (2009). *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. CD ROM. São Paulo: Objetiva.
- Kaufmann, J.C. (2007). *L'enquete et ses méthodes, l'entretien compréhensif*, (1ª ed.). Paris: Nathan.
- Lazartigues, A. (2007). Nouvelles familles, nouveaux enfants, nouvelles pathologies. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*. Elsevier Masson, 55, 304-320.
- Ramos, E. (2006). As negociações no espaço doméstico: construir a boa distância entre pais e jovens adultos coabitantes. In Barros, M.L. (Org.). *Família e gerações*, (1ª ed.). Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Simmel, G. (1917-2002). *Le conflit*, (3ª ed.). Dijon-Quetigny: Circé.
- Singly, F. (2005). *L'individualisme est un humanism*, (1ª ed.). Paris: L'Aube.
- Strauss, A. (1992). *La trame de la négociation*, (1ª ed.). Col. Sociologie Qualitative et Interactionisme. Paris: L'Harmattan.
- Zanetti, S.A.S. & Gomes, I. C. (2009). A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. *PSICO*, 40(2), 194-201.

Recebido em: 03/05/2010. Aceito em: 12/08/2010.

Nota:

¹ O autor utiliza os termos agente e ator alternadamente, mas ambos os termos, segundo ele, são suficientes para expressar que eles são capazes de compreender que “sabem o que fazem e porque o fazem” em suas condutas. (Giddens, 1984, p. 33).

Autores:

Terezinha Féres-Carneiro – Professora titular do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Coordenadora do Curso de Especialização em Terapia de Família e Casal da PUC-Rio. Bolsista de Produtividade do CNPq.

Célia Regina Henriques – Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio, Professora do Curso de Especialização em Terapia de Família e Casal da PUC-Rio.

Bernardo Jablonski – Professora assistente do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Co-Editor da Revista *Psicologia Clínica*, Bolsista de Produtividade do CNPq.

Enviar correspondência para:

Terezinha Féres-Carneiro
Centro de Teologia e Ciências Humanas – Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea
CEP 22453-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: teferca@puc-rio.br